

denominação  
**Fazenda Forquilha**

código  
**AIII - F11 - RFI**

localização  
**Rodovia RJ-135, 4º distrito, Abarracamento**

município  
**Rio das Flores**

época de construção  
**séc. XIX**

detalhamento do estado de conservação  
**no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

proprietário  
**particular**



situação e ambiência

O tipo de ocupação predominante, em que a casa-sede “fechava um dos lados de um grande espaço quadrangular em torno do qual agrupavam-se também dependências – senzala, tulha, engenho e as oficinas”<sup>1</sup>, pode ser confirmada através dos remanescentes construídos do período do café, de acordo com as seguintes observações: existência de engenho e tulha, constituídos por um único bloco retangular e casa-sede formada por um sobrado no eixo da fachada.

<sup>1</sup>MIRANDA, A. R., CZAJKOWSKI, J. *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



115



113



104

coordenador / data  
equipe  
histórico / revisão

**Tania N. Kashiwakura Oliveira - nov 2007**  
**Ana Vivien L. Bautista, Paulo Ariel Geraldo da C. Dias**  
**Adriano Novaes / Fernando Pozzobon**

revisão / data  
**Alberto Taveira - fev 2008**

O bloco tulha-engenho está disposto em uma das laterais dos terreiros de secagem do café. Esses terreiros estão distribuídos à frente da casa-sede, em número de três, em seqüência e no mesmo nível. Hoje, cobertos por um gramado. Não se sabe a localização exata da antiga senzala, não havendo indícios desta no local.

O sítio em questão está localizado à margem da estrada que liga Rio das Flores à Paraíba do Sul, sendo possível desta avistar a fachada frontal da casa-sede. O conjunto está implantado num vale, tendo um ribeirão de mesmo nome da fazenda cortando esta.

Podemos observar a existência de dois acessos: o principal está paralelo à antiga tulha e o outro destina-se à casa-sede, passando pela antiga escola, hoje desativada, e casa do administrador. À esquerda da casa-sede encontramos uma piscina desativada, à direita, uma pequena residência térrea e, aos fundos, afastada da casa-sede, uma casa de colono com telheiro à frente.



De acordo com a análise arquitetônica das casas-sede divididas em cinco categorias, extraída do livro: *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, de autoria de Alcides da Rocha Miranda e Jorge CZAJKOWSKI, a casa-sede da Fazenda Forquilha se assemelha ao quarto tipo: “casas de um pavimento com o sobrado ao centro da fachada, ocupando uma área menor que a do térreo – tem uma longa genealogia urbana. Sua origem está certamente nos sobrados coloniais com dois andares e camarinhas ou torreões elevados. Nas cidades a popularidade do gênero, a partir de meados do século XVIII, é atestada não só pelos inúmeros prédios que ainda estão de pé em todo o Brasil como pelas descrições e ilustrações dos viajantes estrangeiros do século passado. Essa popularidade se explica talvez pelo perfil aristocrático que resulta da ênfase dada ao corpo central, cujo volume mais alto transforma os corpos mais baixos, mesmo que rudimentares, em alas laterais.”

A casa-sede apresenta estrutura autônoma de madeira de seção quadrada com embasamento em pedra e vedações em tijolos de barro cozidos. Não foram realizadas prospecções. Assim, essas constatações devem-se a observações na estrutura autônoma de madeira, na alvenaria de embasamento em pedra aparente e nos trechos sem argamassa de revestimento.

De acordo com informações históricas a casa-sede é do final do século XIX, construída em substituição a uma mais antiga, tratando-se de uma jóia do romantismo.

O acesso principal ao interior da casa-sede se dá pela escada localizada no centro da fachada frontal, outros acessos foram modificados posteriormente, como escadas localizadas nas fachadas laterais e fundos.

O corpo central, assobradado, é definido por um frontão triangular coberto por um telhado de duas águas com acabamento de lambrequins em madeira, que se repetem em cada ala lateral, em menores dimensões, na parte térrea que compõe a fachada frontal. Esses pequenos frontões se repetem nas fachadas laterais, sendo que o frontão triangular localizado no extremo direito na fachada lateral esquerda foi retirado, sendo substituído pelo prolongamento do telhado de uma água que cobre o pavimento térreo (fig.01). O mesmo ocorreu com a fachada lateral direita. Os tímpanos dos frontões triangulares apresentam decorações em estuque pintadas em azul, sendo encimados por acrotérios. O frontão triangular central possui em seu tímpano exuberante decoração em estuque com guirlandas e motivos florais, tendo ao centro, encimando a data de 1880, um relógio com mostrador branco e números romanos.



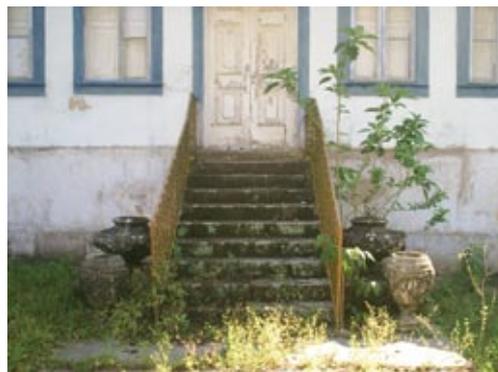
81



90



103



105

Os vãos de portas e janelas possuem vergas e sobrevergas retas. Suas esquadrias, quando janelas, apresentam tipos que mantêm venezianas; madeira e vidro, e folhas almofadadas. As portas apresentam tipos com almofadas; almofadas com bandeira; madeira e vidro com bandeira; e folhas cegas.

A escada principal dá acesso ao *hall* de entrada, tendo a sua esquerda uma capela com um belíssimo retábulo neoclássico em madeira e à sua direita o escritório com porta de entrada pela varanda lateral localizada na fachada lateral direita. Através desse *hall* acessamos as salas existentes, dando seguimento as áreas de quarto, circulação, cozinha, copa e banheiro. A interessante escada de acesso ao sobrado tem seu início bifurcado, contemplando os setores social e de serviço, com arranques pela sala de jantar e copa, respectivamente. Através dessa escada chegamos ao centro de uma sala com belíssimo forro decorado em madeira, formando um octógono, uma antiga clarabóia, atualmente fechada. Dessa sala acessamos os vários quartos e banheiros existentes no andar superior.

À frente da casa-sede existiam três terreiros de secagem do café, tendo à sua esquerda a antiga tulha-engenho. A antiga tulha-engenho é constituída por um único bloco retangular, com telhado de quatro águas, tendo sofrido várias intervenções para adequá-la à criação de gado. Entretanto, verificamos a existência de vários equipamentos para o beneficiamento do café, inclusive uma roda d'água de ferro. Essa construção se encontra em péssimo estado de conservação, tendo sido demolido um trecho considerável.

Os beirais dos remanescentes da antiga tulha-engenho são em cachorros de madeira. As vergas e sobrevergas de seus vãos mantêm vergas e sobrevergas retas.



106



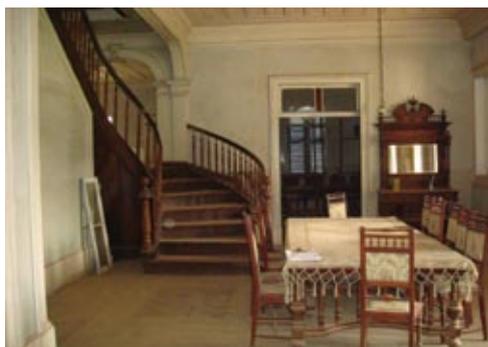
107



108



109



110



111



112

A casa-sede está abandonada, sem manutenção periódica e fechada.

Notou-se a existência de contrapiso em concreto e assentamento de piso em ladrilho hidráulico no quarto, na circulação, na cozinha, copa, circulação, banheiro e depósito, no térreo da casa sede, possivelmente, com execução de re-aterro manual (f.50, 51 e 52).

As instalações elétricas estão sem proteção em vários cômodos da casa-sede e remanescente da tulha-engenho (f.53,54 e 55).

Existe descolamento da pintura nos forros de madeira de vários cômodos da casa-sede (f.56), existindo, também, substituição do forro original por material de qualidade inferior (f.57, 58 e 59). Os forros apresentam péssimo estado de conservação (f.71, 72, 73 e 74).

Há infestação de morcegos com existência de excrementos no piso, paredes e forro de vários cômodos da casa-sede (f.64, 65 e 66).

As esquadrias estão em péssimo estado de conservação, sem pintura de proteção, com material apodrecido e vidros quebrados (f.67, 68, 69 e 70).

Na capela, o retábulo em madeira recortada e entalhada, com douramento original e cuja autoria é ignorada, se insere estilisticamente nos padrões adotados no século XIX (f. 81). Nele avulta belíssima imagem de São Vicente de Paula com dois infantes, em madeira esculpida, policromada e com douramento, em péssimo estado de conservação (f.82).

No *hall* do pavimento superior há belíssimo forro em madeira decorada, com presença de insetos xilófagos (f. 83 e 84).

No embasamento em pedra da fundação da casa-sede existem manchas de umidade ascendente, apresentando trechos com intervenções em argamassa de cimento, nas faces externas das bases da alvenaria (f.01).

No quarto frontal à esquerda do segundo pavimento da casa-sede há um problema estrutural detectado através de fissura na face interna e externa da alvenaria devido, provavelmente, a recalque da fundação (f. 43, 47 e 44).



01



02



03



04



05



06

No prédio remanescente da antiga tulha-engenho existem manchas de umidade ascendente apresentando revestimento com argamassa de cimento.

Nas paredes de vedação da casa-sede há intervenções com a utilização de argamassa de cimento em alvenaria histórica em vários cômodos (f.02,03,04,05,06,07,08,09,10,11,12,13,14,15,16 e 17).

Notou-se a presença de bolhas e descascamento da pintura no *hall* de entrada e circulação de serviço (f.19 e 22) e nas bases das alvenarias na circulação próxima ao quarto no térreo (f.25).

Presença de várias fissuras no jantar, copa, cozinha, quarto, sala e *hall* no térreo e no quarto de fundos, à direita, no segundo pavimentos (f.26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36 e 39). Desarticulações das alvenarias históricas no quarto do térreo (f.40, 41 e 42).

Problema estrutural detectado através de fissuras nas duas faces da alvenaria, com desagregação do revestimento em uma das faces da alvenaria divisória do banheiro e do quarto frontais à esquerda, no segundo pavimento (f.45 e 46).

Substituição da alvenaria histórica por alvenaria de tijolo maciço em alvenarias divisórias do jantar / varanda, *hall* de entrada / escritório e sala de fundos / sala íntima (f.48 e 49).

Nos remanescentes da antiga tulha-engenho há áreas sem revestimento de argamassa de cal, causando degradação rápida da alvenaria de pau-a-pique (f.85, 86, 87 e 88), bem como a substituição da alvenaria histórica por alvenaria de tijolo maciço (f.87, 89, 90, 91 e 92), além de o revestimento em madeira encontrar-se extremamente deteriorado (f.93). Neste prédio existe a presença de fissuras (f.94, 95, 96, 97, 98, 99 e 100).

Na cobertura da casa-sede existe mancha de umidade descendente com a presença de bolhas e descascamento da pintura no alto da parede do *hall* de entrada (f.18), além de mancha de umidade descendente na sala de jantar, na circulação próxima ao quarto, no banheiro, na cozinha; e, nos dois quartos de fundos e no quarto que antecede aquele de fundos, no extremo direito, no segundo pavimento (f.20, 21, 23, 24, 35, 37 e 38).

A fixação do rufo em chapa de aço galvanizada é feita com utilização de argamassa de cimento nos telhados do pavimento térreo (f.77) e foi notada a existência de telhas quebradas (f.78).

No telhado do prédio remanescente da antiga tulha-engenho notou-se a existência de telhas quebradas (f.101 e 102), bem como o arqueamento de peças de madeira e o afundamento de trechos da cobertura.

Na estrutura de madeira da casa-sede, os esteios estruturais em madeira acham-se apodrecidos (f.60) e em péssimo estado de conservação. Foi adotado, como solução estrutural para os barrotes apodrecidos, a construção de pilaretes em alvenaria de tijolo maciço (f.61, 62 e 63).

Há sobrecarga da estrutura de madeira devido à execução de laje sobre barrotes nos banheiros do segundo pavto. (f.79 e 80).

Já no prédio remanescente da antiga tulha-engenho, a estrutura em madeira encontra-se em péssimo estado de conservação, extremamente deteriorada.



07



08



09



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31



32



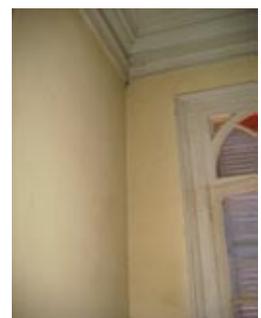
33



34



35



36



37



38



39



40



41



42



43



44



45



46



47



48



49



50



51



52



53



54



55



56



57



58



59



60



61



62



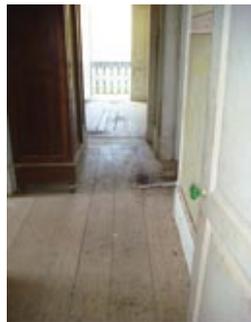
63



64



65



66



67



68



69



70



71



72



73



74



77



78



79



80



82



83



84



86



87



88



93



94



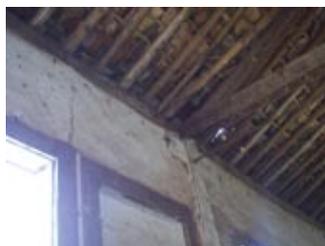
95



96



97



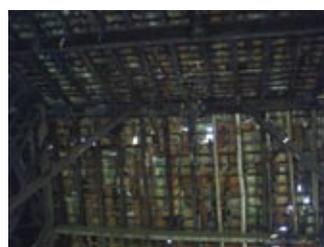
98



99



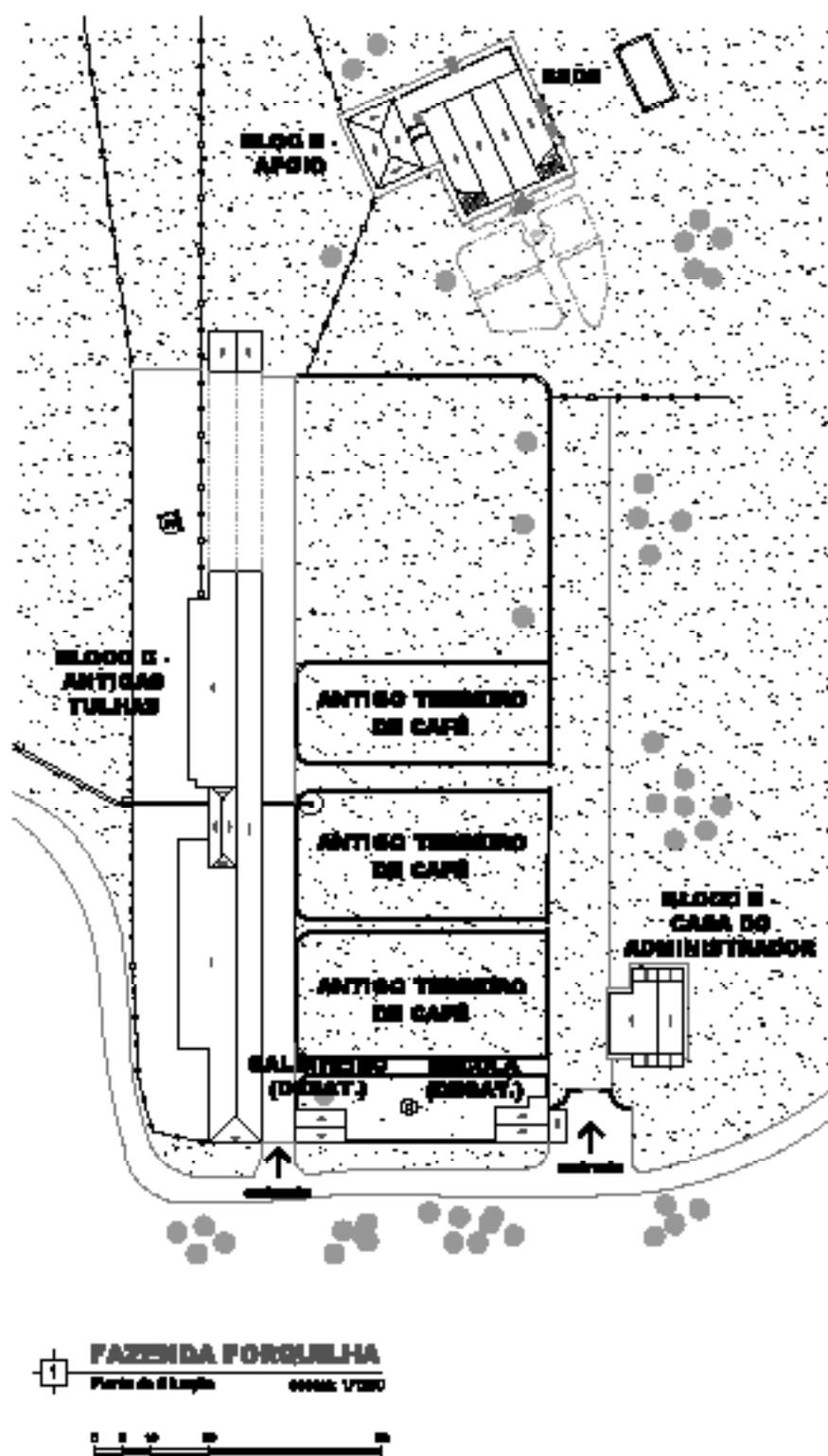
100



101



102





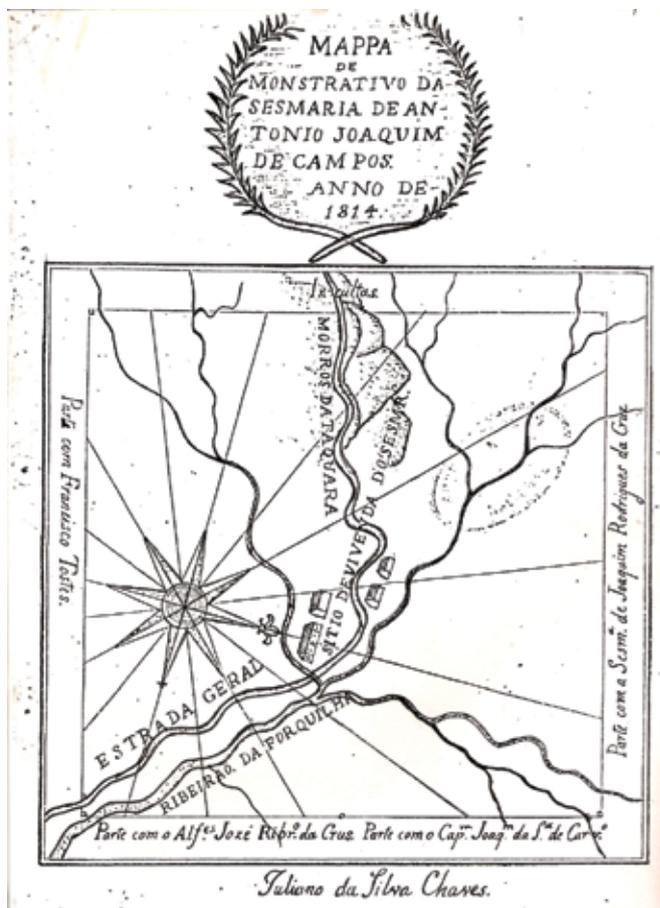
A origem da fazenda data de princípios do século XIX, mais precisamente de 1805, quando foi concedida, através do sistema de sesmarias, a João Rodrigues da Cruz. Foi batizada com o nome de Oriente, embora durante anos fosse popularmente conhecida por Forquilha, devido ao ribeirão do mesmo nome que corta a fazenda. Somente no século XX foi oficialmente registrada com o nome com o qual hoje é conhecida.

Cruz vendeu a sesmaria a José de Souza Freitas, que, por sua vez, a revendeu a Antônio Joaquim Campos, genro de Cruz. Em 1813, Campos pediu a confirmação da sesmaria à Coroa portuguesa, o que só foi deliberado em 1815.

Alguns anos depois, a fazenda apareceu em nome de Jacintho Ferreira Paiva e de sua mulher, D. Maria dos Anjos Sanches Paiva. Jacintho viveria até 1850 e, após sua morte, D. Maria administraria a fazenda até ao final do século XIX. Pelo que podemos constatar no inventário realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1851, Paiva era uma pessoa de muitas posses. Além da Forquilha, mantinha diversos imóveis na Corte, incluindo a mansão onde residia na Rua dos Barbons, no valor de 42 contos de reis, quase o quádruplo do valor das terras da fazenda. Esta mansão é minuciosamente descrita no referido inventário.

Tudo leva a crer que não viviam na fazenda. Grande parte dos documentos referentes a propriedade foi assinada por procuração ou pelo próprio administrador. D. Maria praticamente não participava da vida social da região, fato raro para quem estava entre os principais produtores de café do Vale. Ausente ou não da administração direta da fazenda, D. Maria dos Anjos, após o falecimento do marido, transformou Forquilha em uma das maiores produtoras de café da antiga Freguesia de Santa Thereza de Valença. A justificativa de tal crescimento se dá através de dados comparativos colhidos nos inventários de Jacintho, de 1851, e de Maria dos Anjos, de 1893.

No final do século XIX, Forquilha passou por um processo de reforma geral em suas instalações. O antigo sobrado foi substituído por majestoso chalé, com requintados elementos decorativos internos e externos. Da antiga casa aproveitam-se alguns móveis e o belo retábulo da capela de Nossa Senhora da Glória. A casa foi abastecida por água encanada e iluminada a gás. Os terreiros foram macadamizados, o antigo engenho de pilões substituído por máquinas movidas por roda d'água de ferro, além de um moderno alambique para fabricação de aguardente.



Mapa de Monstrativo da Sesmaria de Antonio Joaquim de Campos. Anno de 1814 (acervo AN).

D. Maria dos Anjos casou-se novamente, teve mais três filhos além dos quatro havidos do primeiro matrimônio. Faleceu no dia 9 de março de 1885, na sua mansão na antiga Rua dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga, Rio de Janeiro. Deixou para os seus filhos e netos uma fortuna no valor de 288:891#530 contos de Reis.

Pelo que consta, o filho Alexandre Ferreira Paiva e sua mulher, D. Maria José de Carvalho Paiva, adquiriram dos outros herdeiros as partes de cada um na fazenda. O período de Alexandre na fazenda foi marcado pela tentativa de implantação de novas atividades, como por exemplo, a criação de ovelhas. Tais investimentos não impediram que a fazenda fosse afetada pela crise da produção cafeeira, obrigando Alexandre a hipotecá-la em 1899.

Tempos depois a fazenda foi adquirida por Sílvio dos Santos Paiva, membro da família Rodrigues Barbosa, uma das mais tradicionais da região. Durante o período em que a família Santos Paiva foi proprietária da Forquilha, a fazenda se firmou como uma das maiores produtoras de leite e café. Paiva, que era político influente em Santa Thereza, chegou a instalar em sua propriedade uma linha telefônica, iniciativa pioneira naquela zona.

Após a morte de Sílvio, a fazenda foi herdada por seu filho Júlio dos Santos Paiva, casado com a filha do Deputado Sebastião de Lacerda, D. Silvina Gonçalves de Lacerda. É nesse período que um sobrinho do casal, o menino Carlos Frederico Werneck de Lacerda, passa férias na propriedade em companhia dos primos. Em sua obra editada em 1977 e intitulada *A Casa de meu Avô*, o polêmico governador do antigo Estado da Guanabara narra suas aventuras na Forquilha, incluindo a criação de um jornal de circulação na fazenda, denominado *O Forquilhense*.

Em 1940, os vários herdeiros da família Paiva Lacerda venderam a fazenda a Vicente Miggiolaro, permanecendo a mesma nesta família até 1988, quando Osmar Vicente Miggiolaro, filho de Vicente, a vende para Levindo Batista de Almeida e sua mulher, Emília Novaes de Almeida. Em 1995, faleceu Levindo e, em 1996, sua viúva. Após a partilha, Forquilha foi herdada pelas irmãs Ana Maria de Almeida Araújo e Maria Aparecida de Almeida Santos, em cuja posse a fazenda permanece atualmente.



Fazenda Forquilha, c.1940, s/a, (Acervo ARTUR)

